



# O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO ESTEVO DE CARVALHO  
SECRETARIO DE REDACÇÃO JULIO DUMONT (ORLANDO)  
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO NA EDITORA L. CONDE BARROSO - LISBOA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO R. PA ATALAYA N.º 128, 2.º LISBOA

ASSINATURAS ANNO 1000 REIS 24 MEZES 500 \* 3 MEZES 500 \* NUMERO AVULSO 20 REIS ANUNCIOS \* PREÇO CONVENIONAL.

ANNO 2.º N.º 73

Terça feira, 20 de JULHO de 1909

*Quero, posso e mando*



D'estes faço eu o que quero.



## TRIBUNA DOS MESTRES

Carta a um patriota, que me pergunta

— o que é a Patria

Meu caro patriota:

É exquisito que o sr. me venha perguntar a mim o que é a Patria, quando o sr. ministro da guerra está, neste momento, a definir tão claramente o que se intende por isso, muito melhor do que o definiu, n'uma celebre oração, o conego Alves Mendes. A Patria é a Companhia dos Carris Electricos do Porto.

Estou a ver o meu amigo a espantar-se commigo, porquanto imagina a Patria um conjunto de individuos falando a mesma lingua, sujeitos ás mesmas leis e tendo quasi os mesmos costumes. Na sua infancia, a alturas tantas do seu livro de leitura, falaram-lhe da Patria como berço de Camões, jardim da Europa á beira-mar plantado, onde os sussurrantes e murmurosos regatos deslisam e os roxinhos entoam canticos, sob a cupula mysteriosa das noites estrelladas. E agora eu, com todo o desplante, venho dizer-lhe que a Patria é — a Companhia dos Carris Electricos do Porto!

Não pôde ser! — grita o meu preso amigo.

Qual não pode ser?

Não o poderá na sua concepção, mas é o na concepção do sr. general Elvas Carneira, que ordenou, ou deixou ordenar, que os soldados de engenharia, recrutados para servir a Patria, se tornem conductores de carris. De hoje para o futuro, a Patria passa a ser alguma coisa concreta; passa a ter assentos, um guarda-freio, bilhetes de ida e volta, um revisor e umas calhas.

Note, porém, o amigo: a Patria já era qualquer coisa parecida com isso, para o soldado. Este nunca teve da nação, que é obrigado a defender, a idéa abstracta que os progressistas ou os regeneradores lhe costumam dar, quando batem nos intrepidos peitos. A Patria, para o soldado, era as botas dos superiores, o cestó das compras, o jardim dos officiaes, o sabre dos sargentos, a vassoura da caserna, o *apresentar, armas!* e outras coisas igualmente bellicosas. Era intimado a defender a Patria um rapaz de boa familia, muitas vezes surpreendido no meio de uma carreira decente, acostumado a ser bem tratado; e, entrando no quartel, via-se em frente de fardos de palha que é preciso transportar, de batatas que é preciso descascar, de pulgas que é preciso catar ao capitão, de *biascos* que é preciso lavar, de quartos que é preciso varrer, de camas que é preciso fazer, de cavallos que é preciso limpar, de terra que é preciso cavar, etc. O soldado pensou consigo: — «Mandaram-me servir a Patria. Sirvo a Patria. A Patria deve ser isto.»

Mas tal maneira de servir a Patria era furtada ás vistas do publico pelas paredes do quartel. A nova *fachina* dos engenheiros do Porto veiu esclarecer o assumpto — a Patria não é o que o meu amigo pensava, é a Companhia dos Carris de Ferro do Porto e não se serve contra os estrangeiros, serve-se contra o pessoal em *grève*.

Seu compatriota

EDUARDO DE CARVALHO.

## CHRONICA

Na sua bella e flammante declaração, prospecto ou o que é, o novo patriarcha de Lisboa declara ás lusas gentes que o «papa está descontente com a guerra aberta feita ao jesuitismo».

Não é caso para tanto desgosto e se sua santidade nos relevasse a ousadia, iriamos lembrar-lhe que é um dever, lealmente monarchico de todos os bons portuguezes combater o que só abusivamente ahí está a pôr-se atrevidamente em foco contra as leis do Estado que vigoram em Portugal.

Sua Reverencia o Patriarcha, doutor em theologia, e certamente mestre na historia patria, não duvidará reconhecer, de bom ou mau grado, as leis de Pombal, Aguiar e mesmo a avariada lei de Hintze Ribeiro sobre o importante assumpto.

O jesuíta está natural e virtualmente expulso d'esta nação, livre de inquisições e autos de fé.

Entra no entanto na sociedade o apatizado reaccionario mascarado de benemerito com a bisnaga da philantropia a esguichar caridades; rebolam-se as matronas hystericas da *canastice* na *cégada* grotesca das assistencias comicas, mas franca, lealmente, á luz da ribalta social só apparece algum comparsa que, por descuido, atira aos parceiros e os mata por acaso.

De facto sua Reverencia bem sabe que o jesuitismo, se existe em Portugal, está fóra de todas as leis do paiz, e não pôde portanto queixar-se se o escorraçarem como a um intruso atrevido.

Em França no tempo de Carlos IX o almirante Coligny, huguenote em evidencia, foi traiçoeiramente assassinado pela reacção, talvez descendente da mesma que pretende renovar hoje os autos de fé e as torturas inquisitoriaes n'este paiz.

Puro engano.

A cabeça do bravo marinheiro protestante cahiu aos golpes de um fanatico estúpido e selvagem ás ordens do duque de Guise.

O patriarcha Bello não tem a envergadura de um Guise nem a atrocidade de um sicario.

Foi portanto um desabafo inpensado esse da sua pastoral lastimando as raivinhas do santo papa

acerca das guerras sem treguas nem quartel ao jesuitismo, que todos nós fazemos inexoravelmente.

Sua reverencia deve ser razoavel e certamente não deixará de reconhecer que, no seu desejo de fazer estylo, fez uma declaração que, sem a reverenda capinha d'asperges, muito catholica-apostolica-romana, seria querellada ás ordens do *gabine negro*.

A *Vanguarda* tem soffrido mais e com menos razão.

O desgosto de sua Santidade compunge-nos.

Pio X desgostoso deve ser uma especie de fogueiro de lagrimas, chorão de jardim ou quadro triste de Magdalena arrependida.

Mas dentro das leis constituintes, embora isto tudo esteja virado da cabeça para os pés, o jesuitismo não tem razão de ser.

*Dura lex sed lex.*

Ou a lei é uma batata e sua santidade desgostosa deseja que os codigos de uma nação sejam um *puré* amassado com o azeite das lamparinas catholicas, ou então houve *trop de zèle* na embrulhada papal.

O reverendo Patriarcha de Lisboa deve portanto telegraphar em cifra ou em lingua de gente para o Vaticano estas simples palavras:

Santidade:

Lamento o seu desgosto mas *não chore que tambem vae!*

(ORLANDO).

Já se descobriu que o Leandro é uma vestal casta e pudibunda.

Em sahindo do Limoeiro vae para debaixo de uma redoma, com uma lampada de azeite sempre accessa na frente.

Um santinho!

## Não se admirem

Ponham na mente um pau dos de bandeira

Nem mesmo de bandeira, de vassoura!  
A barba d'um espartilho de senhora...  
Um fino fio d'azeite d'oliveira!

Assim como um palito de madeira,  
Um dente d'uma fouce roçadoura,  
Uma espiga de trigo fina, e loura,  
Um afiado bico de piteira.

Pois mais fino que tudo que é fininho,  
Estou eu actualmente; tão magrinho,  
Que em cartões, dos postaes, talvez me estampe!

Magrinho como eu estou em Portugal,  
Só houve um conselheiro por total.  
Que era mais cheio que eu, foi o Braamcamp!!!

PICHIRINÉE.

N. A. — No soneto *Nem guines*, onde se lê *Caete*, deve lêr-se o *Tete!* Depois que morreu o revisor...

PICHIRINÉE.

Os incendiarios do fogo da Magdalena nunca mais respondem.  
Nunca mais... nunca mais!



## Animatographo... VIVO

Consta por ahí e oxalá os factos o confirmem, que um bando de *thalassas* vae convidar o negregado dictador a aceitar novamente a chefia do franquismo.

Naturalmente o monstro fará beicinho, recusará por cerimonia, mas irá preparando o salto de tigre para, aceitando o cargo, se lançar sobre as liberdades publicas.

Pouco viverá quem não verá.  
No entanto não seria mau um bocadinho de cautela.

Os candeiros são tantos que pode esbarrar n'algum.

Tome a pasta novamente,  
Venha governar a gente,  
Venha cá pró *pirandó*,  
E a quem der vivas ou morras,  
Abra as prisões, as masmorras,  
Vamos lá, não tenha dó.

Accete a honrosa chefia,  
E pense de noite e dia,  
Em mil actos de coragem.  
Seja *texto*, seja ousado,  
E depois o resultado  
Talvez seja outra viagem.

O reacçãoarismo assentou arraiaes.  
Depois da injustificada e iniqua sentença de Vizeu, já se pensa em perseguir os livros que combatem a igreja, e a *Vanguarda* foi querellada por se prestar a receber um donativo para as despesas do processo dos livres pensadores viztenses.

A juntar ás muitas *prendas* da jesuitada brava, temos agora o condão de denunciante, papel vilissimo, a que ninguem regularmente digno se presta.

Magnifico.  
— E' bom que a reacção tire a mascara e arregae a batina.  
Fica assim mais bonita e mais a geito.

Apresente se qual é,  
Porque os nervos desafoga  
E depois, com ou sem fé,  
Quem melhor tem melhor joga!

Alguns socios da reinadia liga monarchica do carapau põem nos bilhetes de visita como se fôra título nobiliarchico, essa *prenda*, indicando até o numero de inscripção, além do emprego, habilidades e etc., etc.

Vimos ha dias um d'esses bilhetes e deu-nos vontade de rir.

No entanto não nos admiramos. Já ha annos recebemos um bilhete que dizia:

F. de Tal (o nome omitte-se). *Moço de fretes á esquina da R. da Rosa, Aguenta da dança da Bica, canta o fado e leva cartinhas ás freguezas.*

Os socios da famosa liga do carapau já tiveram quem se lhes antecedesse na litteratice de cartões de visita.

Falta só pôr no cartão  
Se é solteiro ou se é casado,  
Pôr bem clara a filiação  
E se foi bem vaccinado.

Se tem a folha corrida,  
Se sabe ler e escrever,  
Se governa bem a vida,  
Ou ganha só p'ra comer.

Se tem algum montepio,  
Algun club de recreio  
Se tem calor ou tem frio  
Emfim... um bilhete cheio!

Uma cousa linda cá n'esta capital é a procissão de carroças que quasi diariamente percorrem as ruas mais commercias de Lisboa.

Ainda ha dias na rua da Prata seguiam em bicha, muito pachorrentamente, nada menos de oito!

Atravessar a rua era impossivel sem licença de s. ex.<sup>as</sup> os srs. carroceiros que dormitavam nas almofadas de summa-pau das escangalhadas traquitanas.

Não se poderá regularisar isso de fórma que os peões não tenham de estar a jogar o peão nos passeios para se entreterem enquanto passa o carroçal cortejo?

Faz damnar e desespera,  
Porque ao commercio faz mossas,  
Que o Zé povo esteja á espera,  
Quando a pressa n'elle impera,  
Da procissão das carroças.

ORLANDO

Dizem que mal abra o parlamento  
vae o governo a terra.  
O' meninos, abram lá isso!

O ministro do reino inglez disse que pelo tratado luso-transvaaliano a provincia de Moçambique fica nas mesmas condições das possessões inglezas da Africa do sul.

Isto é d'elles.

Ainda uma noite adormecemos portuguezes e acordamos com a bandeira ingleza a fluctuar nos edificios publicos.

All-right!

## Batalha de rimas

Vamos dar a toda a *rapaziada* assumpto para se entreter nas horas vagas.

Trata-se de compôr uma glosa e o respectivo mote, com os seguintes finaes: *amantético, economica, comica, cosmetico, sceptico, plastica, gymnastica, opusculos, musculos, escolastica.*

Ahi vão já duas glosas, cá da rapaziada da redacção.

A respeito de premios... *nunca mais.*

MOTE

Desde que usei o *cosmetico*  
Ficou contente a *Escolastica.*

GLOSA

Deixei de ser *amantético*  
Da minha esposa *economica*,  
Por me achar a cara *comica*,  
Desde que usei o *cosmetico*.  
Zangada, chamou me *sceptico*,  
E censurou minha *plastica*,  
Prohibiu-me da *gymnastica*,  
E de comprar mais *opusculos*.  
Vendo, porém, os meus *musculos*,  
Ficou contente a *Escolastica!*...

REI LUZO.

MOTE

Deito bastante *cosmetico*  
Na cabeça da... *Escolastica.*

GLOSA

Por ser um gajo *amantético*  
Arranjei *typa economica*,  
E na sua tóla *comica*  
Deito bastante *cosmetico*.  
Na *athletica* já fui *sceptico*,  
E nunca possuí *plastica*  
Mas co'ella faço *gymnastica*,  
Poís os benvindos *opusculos*  
Desenvolveram meus *musculos*  
Na cabeça da... *Escolastica.*

RALMEIDA.

## Lerias...

Fui ver o chimpanzé-homem,  
Que ao Colyseu nos impelle  
E, por chalaça não tomem,  
Olhando o meu triste abdomen,  
Invejei a sorte d'elle!

Fino, astuto, tendo *caco*,  
Embora um bocado hesite-se  
Em ver só n'elle um macaco,  
Eu que sou algo velhaco  
Quizera ser o Moritz.

Fazia-me deputado,  
Nas côrtes era um pimpão,  
E um monarchico assanhado.

Em tendo os sellos do Estado  
Veriam que *macacão!*

OSCAR.

P. S.

E' um devaneio louco  
Que nunca posso alcançar!  
De *macacão* tenho pouco.  
Descance em paz o *Bacoco*  
Que não lhe tiro o logar.

O.

*Moritz I* teve o condão de fazer successo em Lisboa.

O povo, na sua ancia de brincar, chama *Moritz* a toda a gente e por acaso chamou *Moritz* ao padre Mattos.

O chimpanzé, que o soube, assanhou-se e jurou que ia mudar de nome.

Nada de confusões com o Mattos.

## Duello

Padre Mattos d'uma canna,  
Quando te bates commigo?  
Quero mostrar-te, ó meu banana,  
Que só tenho muita gana  
A quem é meu inimigo.

Tu tens policias em barda,  
Tens a guarda municipal;  
Eu p'ra ti tenho o Bombarda,  
Uma certa espingarda,  
P'ra ir te a esse faval.

Olha lá, se m'encontrares,  
Não te passe pela mente,  
Que ouço palavras alvares;  
Se acaso te alambazares,  
Vês-te doído, vês-te quente.

Ai, meu velho, se me visses,  
De carabina na mão,  
Não escrevias mais tolices,  
Tinhas que gritar p'r Ulysses,  
Fugias como o Xuão.

Em resumo, tem cautela,  
Deixa de ser Lazarista,  
Senão vaes n'um barco á véla,  
Ponho-te ao lombo uma sella,  
Monto que nem um fadista.

MALUCO-MÓR.

O Portugal diz que os jornaes catholicos vivem dos seus rendimentos.

Vivem mas é das rendas das calcinhas das *canastras*.



OLARÉ QUEM BRINCA....



Um engraxa, o outro escova  
Um outro limpa também  
Temos ressurreição nova  
*Olaré quem brinca bem!*

fez-de apiano penacho  
E depois o rio vem  
Vae tudo de lá baixo  
E verão *que brinca bem!*

Fique, fique, rico Kuão  
Faça d'isto um armazem  
Que o Zé canta-lhe a canção  
*Olaré quem brinca bem!*



QUARTO

Aluga-se em casa de senhora respeitavel. *Pede-se garantia de permanencia.* Carta a B. M. para a administração d'este jornal.

Vou responder á donzella,  
Depressinha, sem demora,  
Promettendo estar no quarto,  
Sempre, sempre a toda a hora.

Julgo, porém, que esta dama,  
Tem muito pouca innocencia,  
Pois extranho que ella peça  
Ao sujeito, *permanencia?*

REI LUSO.

Vae abrir o parlamento, arranjando de novo.

Mas, ó meninos, cautela com as carteiras que estão concertadas e custaram um par de patacos.

Se quiserem dar murros, batam uns nos outros.

**Ao malvado dictador a proposito da sua estada em Portugal**

Se em ti francacea tója ainda um pouco <sup>existe</sup>

De coisa que se chama uso de razão;  
Se porventura algum direito te assiste  
Renega a chefatura e pede a demissão.

Atira o teu partido algo ensanguentado  
A' valla do remorso, o mais atrofiante;  
Não queiras de Messias ser apellidado  
E tira do costado o manto de farçante.

Se ainda tempo tens assim d'arrepender-te,  
Astuto magarefe, negro inquisidor;  
A onda que ameaça vir subverter-te

Já corre sobre ti em grito vingador;  
Então, francaceo louco, ainda hei de ver-te  
Cahido ahi á margem como um vil estupôr.

STYL.

**"A Lanterna"**

Por Paulo Emilio

Acha-se publicado o n.º 3 d'estes opusculos semanaes de inquerito á vida religiosa.

Sendo a sua leitura deveras interessante, chamamos por isso para ella a attenção dos nossos leitores.

**Rei dos Feios...**

Ao José do Valle

Nunca mais deixarás de me chamar  
*Rei Coiro*, vindo ha pouco do sertão,  
Pois dizes ser um preto, qual tição,  
Julgando que me obrigas a córar...

Eu proprio tenho gosto em confirmar  
A tua causticante affirmacão;  
(O que peço á leitora é compaixão,  
Pois se troçar de mim, posso chorar!)

Para mais desfeiar minha carêta,  
Sou dono d'uma grande nariguêta  
Bastante avantajada p'rá idade...

Poderás, pois, com toda a franquezinha,  
Chamar-me muito *coiro*, á vontadinha,  
Que dizes só a... *pura da verdade!*

REI LUSO.

**A certa professora**

Com esse tom sizudo e carregado,  
Vestido negro e tez amulatada,  
Só inspiras terror á petizada.  
E foge a sympathia do teu lado.

Só quer's o cathecismo decorado,  
Ouvir a Avé Maria bem resada,  
Emquanto á instrucção... não vale nada,  
O resto não te dá grande cuidado.

No teu bestunto negro e despolido  
O fanatismo vil é preferido  
E dá á reacção enorme bodo.

Saber rezar o padre nosso, o credo,  
Louvar a Deus e ter do inferno medo  
Eis da tua instrucção o grande engodo.

JULOR.

O Portugal deu agora em denunciante.

Não admira.

Sempre foi gente de *levar e trazer*,  
mas até agora só tem sido de *levar*.

E leva á valentona.

**EPITAPHIO**

Aqui jaz na campa fria  
Um magriço sacristão,  
Que morreu sem agonia  
Com o badalo na mão.

ALDEÃO

O cruzador D. Amelia, que anda lá por fóra ha que tempos a encalhar quotidianamente, deu nova topada e está em Aden a concertar.

Já não é navio.

Tem mais remendos do que as calças d'um mendigo.

**Pela Liberdade...**

(Dedicado a Theophilo Braga)

Batalhae, democratras portuguezes,  
Que o vosso fim será p'ra bem do povo.  
Segui o bello exemplo dos francezes,  
Trazendo-nos emfim regimen novo!

Com justiça e verdade muitas vezes,  
Os vossos bellos actos eu approvo.  
E venha breve, já d'aqui a mezes,  
Esse grande ideal que eu tanto louvo!

E' justo nós luctarmos pl'o porvir,  
Que em breve, nós havemos d'applaudir,  
N'um rasgo de justiça e lealdde!

Se quereis dar exemplo ás mais nações,  
Libertae dos fortissimos grilhões  
Aquella que chamamos *Liberdade!*

VIU-SE A BRÓXA.

Esta semana, na redacção do pasquim-latrina do Pelourinho esteve fechada a carreira de tiro em signal de sentimento.

A tia Josefa Florista era uma mocetona de fartas carnes e bella trança loura; ninguém a excedia em volume. Aquillo tinha uma saia com uma roda tal que abrigava a dentro da circumferencia da sua barra uma boa meia duzia d'esses pobres diabos que a seguiam com a vista do principio ao fim da rua quando ella, de cabaz no braço e *bouquets* á vista, sorria para elles, na mira de arranjar freguezes.

Era desembaraçadona a falar, não ficando a dever nada á arte de decorar e compôr a rethorica balofa nem tampouco á de compôr os seus ramilhetes de variados matizes.

A sua ex-patrôa, antiga florista, uma perfeita matrona que já usava sapatos de ourelo por causa das varizes, não levava nada a bem a sahida da Josefa lá de casa. A Josefa era um pouco de genio aspero e desabrido e um dia, por uma questão originada de umas folhas de erva santa, foram ás do cabo e d'alli até a Josefa pegar no sacco da roupa e se raspar pela escada a baixo foi um abrir e fechar d'olhos.

E' claro que a Josefa foi para a vida; mas por sua conta; não quiz mais servir; arranjou o seu vintem e contando com a ajuda d'uns certos freguezes, assim se estabeleceu com um logarzito do mesmo mister. Comquanto alguns ou quasi todos os freguezes da casa concededores da questão, reconhecessem que toda a razão estava do lado da Josefa, nem todos a acompanharam, ainda por sympathias antigas para com a sua ex-patrôa.

Uma vez por sua conta, a Josefa, como quizesse agradar e crear clientella, expunha todos os dias uns bellos ramos de lindas camelias vermelhas, á porta do seu pequeno estabelecimento.

Quem passava estacava, admirando as flores em toda a sua pujança e viço e não faltava quem se admirasse do caso por até alli vêr que a côr predilecta da Josefa na composição dos ramos fóra sempre o azul e branco e não coisa tão garrida.

Ora, mas passado algum tempo a mysteriosa e incomprehensivel florista voltava a misturar saudades azues e lyrios roxos com as vermelhas camelias na composição dos pequenos *bouquets*, o que se tornava pouco agradável á vista e denotava uma visivel transformação no seu gosto de matizar.

Os que passavam largavam-lhe a sua piada e graçola, ao que ella respondia com um sorriso um tanto velhaquete: Ora, ora, os senhores admiram-se? Nós, as floristas, somos como os politicos, gostamos das côres conforme as estações e as épocas.

Eu já gostei muito do vermelho das camelias, o que não impede que ainda volte a gostar, e agora gosto do sympathico azul e branco das saudades e do terno roxo dos lyrios desamparados na mocidade radiante; o que eu quero é fazer negocio. Olhe, quer que lhe diga? Isto de gosto ou predilecção pelas côres é uma cantata; eu chamo-lhes bonitas conforme a procura e o gosto do freguez; o que eu quero é *massa*, muita *massa*; o mais são tretas para mistificar os papalvos.

STYL.

**Annuncios... para rir...**

Do jornal de grande circulação:

SENHORA

Pianista offerece-se. *Toca á vista.* Carta a este jornal ao n.º 98.

Se esta artista por acaso,  
E' daquellas de chupêta,  
Vou pedir-lhe a toda a pressa,  
P'ra tocar uma... *ariêta*.

Se tocar a meu contento,  
Dou-lhe mais de mil beijocas,  
E digo logo á tal dama:

— "Ai! filha, que bem que tocas!",



## Passes... de peito

No dia 4 lá estive no Campo Pequeno e com franqueza gostei.

O espectáculo era composto, a primeira parte por artistas do Colyseu dos Recreios, apresentando um magnifico cavallo em liberdade, duas zebras, um elephante e dois cães. (*Fez-me lembrar os tempos de D. José Serrate!*) e depois jogo de pau nem bom nem mau.

Segunda parte.

Aqui é que foram ellas. Jogo de box á americana executado á portugueza. Os murros eram embolados!

Mas mesmo assim, o jogador preto mandava cada moquenco, que o seu contendor não aguentava com elles e por cinco vezes foi a terra. Arre, diabo!

Ha um adagio que diz: *trabalhos de noite pela manhã apparecem.*

Pois d'esta vez falhou.

Na quinta feira passada inauguraram-se as touradas nocturnas, no Campo Pequeno, e tivemos occasião de ver desmentido o tal adagio.

Foi uma verdadeira revolução no redondel.

Ou porque os touros gostassem mais de trabalhar pela fresca e não debaixo de sol, ou porque fossem movidos por electricidade, o caso é que ainda esta temporada não vimos corrida mais movimentada.

O primeiro, dos Robertos, sahio a nove, obrigando Zé Bento a andar a dezoito e a fazer trinta e um contra as tábuas, com tal força, que até a espóra lhe saltou fóra da bota; os restantes, exceptuando dois, eram todos da mesma força!

E' phantastico, como pegou a moda de andar tudo a correr muito!

Nas ruas são os homens, as senhoras, os garotos, os burros da hortaliça e das azeitonas, os trens, as carroças, os electricos, os autobufas gazolinosas, os cavalleiros, os cães, os gatos, tudo emfim!

Ha muito tempo que não vejo toiros com tanto pé como os de quinta feira passada.

Em verdade, e, passando ao sério, a corrida foi de primeira ordem e os nossos artistas brilharam e tiveram occasião de mostrar que não são homens que se deitem com as gallinhas. Estavam espertos e activos que era um gosto vê-los. (*Nem os toiros os deixavam...*)

No segundo toiro teve Jorge Cadete um trabalho magistral.

Alexandre Vieira esteve superior bandarilhando e fez um cambio de primeira.

Ribeiro Thomé, Cadete e Manuel dos Santos estiveram opportunos, aos quites, principalmente Manuel dos Santos, que por duas vezes salvou o morgado de Covas de se rebolar pela arena.

Regaterin lanceou el trapo regularmente e em bandarilhas esteve aceitavel. O mano d'este porém só evidenciou grande habilidade para a coreographia. Dos pegadores vimos tres pégas boas, uma de cara

por José Russo, outra do Chico da Moita, e uma valente péga de costas do Ventura.

Conclusão: corrida de primeira e a illuminação da praça simplesmente admiravel.

Venham mais, amigo Albino, porque, creia, não perde com isso, e a prova foi a boa casa que felizmente teve.

Com uma casa á cunha realisou-se no domingo no Campo Pequeno o beneficio do estimado bandarilheiro Jorge Cadete.

Os touros cumpriram e Jorge teve um trabalho digno de menção no toiro que bandarilhou a sós, a ferros de palmo. Todos os seus collegas fizeram por agradar, salientando-se Alexandre Vieira e Alfredo dos Santos.

Ribeiro Thomé continúa sendo um peão de bréga en pareja com Theodoro. Tanto este como João d'Oliveira diligenciaram substituir os espadas lanceando a moleta a seu modo.

Dos dois Casimiro, pena é que dois artistas queridos do publico como eram, se fossem metter em questões e processos de jesuitada para serem alvo, como foram, da mais rigorosa manifestação de desagrado.

E' triste dizer que esses dois homens se fossem perder, não só pelas muitas sympathias de que gozavam como por serem innegavelmente dois cavalleiros de cartel. Mas a vil politica reaccionaria mette-se em tudo e convence tudo, até os toureiros! Para mim foi novidade ouvir cantar a *ladainha* n'uma praça de touros.

Por tres vezes me levantei para ver se o Jayme Henriques não tinha vindo e se era o padre Mattos quem dirigia a corrida.

Comtudo, tirando as *ladainhas* e as *pidinhas*, a corrida satisfaz.

— Na proxima quinta feira 22, temos a 2.<sup>a</sup> corrida nocturna, reaparecendo o notavel espada Ricardo Torres (*Bombita*), depois da grave colhida de Algeciras.

ZÉ DA HERDADE.

## Theatradas

Muito descuidosamente, trauteando um trecho da linda musica da *Viuva alegre*, que continúa em scena na

Trindade sempre com boas casas, passavamos pela rua do Ouro, quando uma mulher alta, gorda, quarentona mas ainda fresca, se nos dirigiu, com voz meliflua:

— V. é dos jornaes, não é?

— Hom'essa! bradámos cheios de espanto. Como sabe a senhora isso?

— Vê-se logo pela cara. Os senhores teem qualquer coisa a mais ou a menos que os outros homens.

— A menos, minha senhora. a menos. A respeito de dinheiro está sempre a maré na vasante. Nem um pataco.

— Sinto muito, mas eu talvez possa aliviar o um pouco n'essa questão de bolsa. Luziu um raio de esperança n'a noite

caliginosa, das nossas negras e vazias algibeiras.

Mas de onde viria essa prodigiosa *madama*, cahida talvez do céu aos trambulhões?

Agradecemos e vieram as explicações. A nossa amavel interlocutora era ama de um padre da provincia e vinha á capital arranjar o preciso para fundar, lá na terrinha, um jornal catholico apostolico, onde se imitasse a prosa arreezada dos varios mattos e balsemos.

Para a redacção da nova lamparina nos convidava amavelmente, esperando de nós centenaes de bombas explosivas de rhetorica contra os jacobinos e herejes.

Declinámos o amavel convite.

Não sentiamos em nós o condão necessario para tão heroica empreza, nem o conhecimento da phraseologia da regateira malcreada, para nos sahirmos bem do espinhoso encargo.

Mandámo-la para o largo do Pelourinho, mas, com grande espanto nosso, a gorda matrona recusou, toda tremula.

— Nada, que lá dão tiros nas visitas!

— Foi um mero desastre, um acaso lamentavel, obtemperámos.

— Fois sim! Cada um dá-lhe o nome que quer!

E despedindo se, despeitada, a rebolar-se toda, deixou-nos pensativos e apprehensivos sobre o patriotismo e devoção de tão rechonchuda *ganstra*.

A' noite deu-nos na bolha ir ao

Colyseu dos Recreios ver, mais uma vez, o impagavel chimpanzé Moritz 1.<sup>o</sup>, que é uma verdadeira maravilha.

Embora sejamos immodestos, parece-nos que o celebre macaco homem ainda tem o seu quê de parentesco conosco, e d'ahi a sympathia natural que lhe tributamos.

Mal nos sentámos na cadeira, demos um pulo. Ao nosso lado estava a ama do padre, com um chapéu na cabeça que cobria com as abas quatro filas de cadeiras.

Podia chover granizo, pedras ou picaretas, que o chapéu couraçava mais de meio cento de espectadores.

Atrapalhadísimos, tirámos o nosso pequeno palhinhas, n'um cumprimento tímido.

Esperavamos um gesto de enfado, mas foi o contrario.

Apertou-nos a mão effusivamente e, n'um tom dengoso, disse nos:

— Ainda bem que o torno a ver. Sinto-me tão sósinha...

Conversámos, etc. e tal, no intervalo ingerimos duas cervejas que o criado nos disse estarem já pagas (ella é que pagou e nós bem vimos fingindo que não viamos) e no final da primeira sessão fomos assistir ao segundo espectáculo da

Rua dos Condes, onde continúa no cartaz *O Sol dos Navegantes*, a bella revista de Baptista Diniz, com musica do Luz Junior.

Arripiava se de vez em quando a *madama* gorda com os ditos politicos, mas, em sahindo *bojarda* grossa de brejeirice forte, ria estrondosamente, como quem conhece bem o assumpto.

Pudera! Ama de padre e *thalassa*... calculem.

Ceiamos no Magina, em fraterno convívio, e como ella repetidamente se queixasse de viver na capital tão sósinha... acompanhámo-la toda a noite.

Fomos no dia seguinte ao Casino Etoile, da calçada da Estrella, ver a magica *Rosa encantada*, que vae ceder o logar á revista de Maximo Brou, *Para grandes males*... e ao

Salão Rocio, que lá tem a encantadora trempe de pequenos cançonetistas, Herulina, Esther e Teixeira, além de fitas de absoluta novidade. Emfim, foi uma pagodeira de cruz, de que nos restam gratissimas recordações.

Basta dizer que, não gastando vintem, fumámos aromaticos *brevas*, bebemos á tripa fórra, comemos como abbades glutões, e *muchas cosas más* que não veem para aqui.

Foi se embora a ama do padre, ficando de voltar breve para a montagem definitiva da nova lamparina catholica.

E nós montámo-la.



# MORITZ 2.º



Um macacão que tem feito enorme sucesso no Colyseu da Política.